



MONUMENTO AO EMIGRANTE

UMA HOMENAGEM AOS FILHOS QUE FORAM

Conhecer outro país é maravilhoso quando se fala em viajar, buscar um novo emprego ou apenas explorar novos ares. Mas quando se vive uma situação financeira instável, com família e pouca perspectiva de futuro, sair da sua terra natal rumo ao desconhecido se torna uma opção possível, embora assustadora, pela chance de uma vida melhor.

Muitas famílias viveram essa situação nos séculos passados e arriscaram longas viagens de navio sem saber o que encontrar. Mais do que coragem, essa era a maior prova de amor para com os seus, a ponto de todos se manterem juntos onde quer que fossem, sempre em busca de um futuro mais digno e com melhores oportunidades.

Essas são as pessoas retratadas no Monumento ao Emigrante, um local dedicado a todos que partiram para terras desconhecidas em busca do sonho de dias melhores. Pessoas que sabiam que corriam grandes riscos, mas enfrentaram seu destino junto daqueles que amavam com a certeza de que o futuro lhes reservava grandes coisas.

História do Monumento ao Emigrante

Essa é a história da família Giesteira, que saiu de Póvoa de Varzim e emigrou para o Brasil em 1955. Pai, mãe e quatro filhos viviam em situação de pobreza na pequena cidade no distrito do Porto, dependentes de uma lavoura cuja produção era insuficiente para alimentar seis bocas.

Foi por volta de 1954, que o patriarca José Martins Giesteira concluiu que não poderiam esperar a sorte e decidiu ir para o Brasil, que vivia um período de economia efervescente e sempre foi receptivo aos portugueses. Muitos foram contra esse plano, inclusive a avó das crianças, que chegou a pedir para a matriarca Luzia Gomes Moreira deixar um de seus filhos com ela. “Onde eu estiver eles estarão, onde eu comer eles comerão, onde eu morrer eles morrerão” era a resposta de Luzia.

Sem previsão de retorno, eles atracaram no Porto de Santos em 1955 e fixaram moradia na cidade de São Paulo. O começo foi difícil, com os seis dividindo um pequeno cômodo e dormindo em duas camas de casal. As refeições eram preparadas no próprio quarto por falta de espaço em um pequeno fogareiro e o dinheiro custou a começar a entrar.

Quando o patriarca foi trabalhar com limpeza em uma agência bancária os dias ruins começaram a ficar para trás e a ida para o Brasil se mostrou a melhor decisão para o futuro dos Giesteira.



Quem foi Manuel Giesteira

Manuel foi para o Brasil com apenas 11 anos, e por ser o mais velho tinha consciência da situação vivida pela família. Assim que chegou ao Brasil ingressou no Seminário dos Padres Salesianos, de onde saiu aos 14 anos para trabalhar na mesma agência bancária que o pai e ajudar nas despesas da casa.

Com isso, adquiriu logo cedo um profundo desejo de ajudar os pais, os irmãos e os menos favorecidos em geral.

Esse sentimento tomou conta de toda a vida de Manuel, que trabalhou como advogado e empresário no Brasil e apoiou diversas ações sociais, como a criação do site para divulgação da “doença do pezinho” (paratuberculose), típica da região de Laundos, e a criação do Instituto Manuel Moreira Giesteira de Promoção Humanitária para apoiar as crianças da favela de Cabuço, em São Paulo.



O Monumento

O marco, localizado no alto do Monte de São Félix, é simbolizado pela família Giesteira caminhando na rampa de um navio em direção a um novo mundo.

O caminho contempla 328 degraus, com sete patamares e um total de 15 capelas que representam a Via Sacra, e conta ainda dois jardins laterais ao longo de todo o percurso com as bandeiras de Portugal e Brasil. A obra, que leva 100 toneladas de granito e 1.200 quilos de bronze, foi inaugurada em 5 de setembro de 1998, após dois anos de construção. Em sua base encontra-se uma placa que resume a homenagem: “Aos filhos desta Terra que foram, lutaram e voltaram, e aqueles que foram, lutaram e não voltaram, mas deles não esqueceremos!”